

Pressão dos EUA para pagar juros

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O Brasil deve negociar com os bancos comerciais um acordo sobre seus atrasos no pagamento dos juros da dívida externa, caso deseje maior assistência do Fundo Monetário Internacional (FMI), disse ontem em Washington o secretário-assistente do Departamento do Tesouro dos EUA, David Mulford.

"Os outros países-membros do Fundo vão ficar muito preocupados se não houver um grau substancial de progresso identificável na negociação (do Brasil) com os bancos antes que a diretoria do Fundo faça seu julgamento sobre a implementação do programa", disse ele durante uma entrevista coletiva dedicada principalmente à agenda do Grupo dos Sete Países Ricos — o G-7 —, que vai reunir-se no próximo dia 22.

O governo brasileiro já obteve um acordo preliminar com os técnicos e o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, sobre os termos de um programa stand-by de dezoito meses, que permitirá ao País captar US\$ 2 bilhões em Direitos Especiais de Saque (DES) na instituição

nais, pediu ontem que tanto o FMI como o Banco Mundial (BIRD) cortem financiamento a países que estejam em atraso com os credores privados. O instituto menciona especificamente o acordo em curso do Brasil com o FMI.

Tanto o FMI como o BIRD tinham como política, até 1989, não fazer acordos nem empréstimos a países em atraso com os bancos comerciais. A política de ambos mudou devido ao Plano Brady, que leva o nome do chefe de Mulford, o secretário do Tesouro Nicholas Brady, para redução da dívida dos países menos desenvolvidos. Os bancos comerciais não se conformam com a mudança. Ainda na semana passada, o executivo internacional sênior do Citicorp,

(Continua na página 27)

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, afirmou ontem que o Brasil deverá efetuar pagamento relativo à dívida externa em dezembro próximo "se" o acordo com o Clube de Paris e com bancos privados estiver fechado. Em Brasília, o embaixador Jório Dauster reafirmou que na negociação com os bancos, que deve ser reaberta em outubro, "vale o que está escrito na carta de intenções".

(Ver página 27)

Pressão dos EUA...

por Getulio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)
William Rhodes, o maior credor privado da América Latina e do Brasil, queixou-se da nova prática das duas instituições de Bretton Woods.

Embora tenha pago ontem os juros devidos sobre seus bônus no mercado de capitais (veja reportagem nesta edição), o Brasil está atrasado no pagamento de juros aos bancos comerciais desde o segundo semestre do ano passado. O especialista em América Latina do banco inglês Barclays, Paul Rawkins, estima que os atrasos, contando

o terceiro trimestre deste ano, devem alcançar US\$ 7,5 bilhões.

Dentro do FMI admite-se que a política da instituição sobre acordos com países cujos pagamentos privados estão atrasados é "ambígua". O documento oficial da instituição que trata do tema diz que o Fundo poderá aprovar um acordo antes da renegociação do país se considerar (1) que o apoio do Fundo é essencial para a implementação do programa de ajuste e (2) que as negociações entre o país e os credores já tenham começado e que um acordo seja esperado para breve.